

OS MAIAS - RETROSPECTIVAS

Ildo Carbonera

A intenção deste trabalho é investigar na obra **Os Maias**, a partir do último capítulo, as revelações, as confirmações ou as quebras de expectativa criadas na primeira leitura ou provocadas pela leitura em retrospectiva. Trata-se de uma análise basicamente textual, a partir de pressupostos da Estética da Recepção.

Palavras-chave: Eça de Queiroz – Os Maias – leitura – análise textual – Estética da Recepção

O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras.

Machado de Assis

Sem o nosso esforço, se ignoraria que atrás da história existe outra, uma outra ainda existe atrás, assim sucessivamente até o começo do mundo.

Nélida Piñon

Em seus livros, **O crime do padre Amaro**, **O primo Basílio** e **Os Maias**, Eça de Queiroz vai elaborando o universo ficcional em prosa intercalando pequenos poemas, parte deles ou versos de personagens. Supõe-se a imbricação de dois textos, de dois tempos: o novo, as novas idéias e o velho, a voz dos “poetas do tempo”.

O novo modo de narrar, de ver e registrar a realidade presta-se, primeiramente, a uma narração pedagógica e educadora, no sentido de criar um impacto em leitores menos avisados, comuns, nem benévolo, nem iniciados. O texto vai criando vazios, incompletudes, lacunas, guiando ou convidando o leitor a participar, num processo coletivo de construção e de realização da obra.

O texto, assim, é uma ruptura de conceitos e de valores, apresentando uma nova realidade social, política, interferindo na moral, na estética e na ética do leitor. Os pontos de indeterminação do texto vão ser preenchidos, a partir de algumas pistas expressas, de uma certa solidariedade e de um pacto entre autor e leitor, este já benévolo.

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.3	p. 105-112	2000
---------	---------------	-----	------------	------

Os últimos capítulos das obras citadas sugerem uma leitura em retrospectiva no sentido de reorganizar o mundo ficcional e selecionar os argumentos que justifiquem a sobrevivência de uns e a morte de outros. A presença dos vazios, das incompletudes é um convite à releitura, identificando o “ser social” adaptado e o “ser natural” regenerado na hipocrisia e na aparência, ou que morreu.

No livro **Os Maias**, Eça de Queiroz apresenta uma nova concepção de História, organizado e elaborado ao longo de sua produção literária ficcional. Primeiramente, a negação dos valores e conceitos morais, culturais e políticos do movimento estético em vigor; depois, a formulação da nova proposta em relação ao fazer literário no registro do homem e do tempo: nas **Farpas**, com Ramalho Ortigão e nas obras de ficção.

Nas **Farpas**, constata-se a presença de alguns projetos temáticos realizados na ficção: *família, casamento, adultério, o conflito entre intenção e ação, aparência e essência, as opiniões e visões do mundo da sociedade e do indivíduo, o público e o privado*, entre outros.

Em **Os Maias**, temos o abandono do caráter pedagógico da obra, diante de um leitor já benévolo e iniciado e de um Autor “livre da esterilidade especulativa”, no juízo de Teófilo Braga. O romance já é a versão estética das novas idéias, o registro dos novos modos de expressão, o comprometimento com o tempo e a história presentes, bem como o *fechamento* do projeto literário do escritor.

O desenvolvimento da obra literária segue os passos que levaram o escritor a elaborar e reelaborar **O crime do padre Amaro**: a constante e insistente tarefa de rever o que fora escrito, publicado e lido. A obra é a realidade das pessoas vista pelo olho atento do ficcionista, benigno ou maligno. O universo ficcional vai sendo constituído pelos ensaios, pela ficção e pelas críticas e elogios recebidos de leitores, iniciados ou não.

Em **Os Maias**, já não há mais um público leitor que precisa ser educado: os avisos, os toques e a solidariedade já vinham fazendo parte da montagem do mosaico em obras anteriores. Aqui já temos um escritor autor, leitor e crítico de si mesmo.

Segundo Augusto Pissara, na *introdução* do livro, “dez longos anos decorreram, desde o dia em que o título da obra apareceu incluído na lista de novelas que constituiriam as CENAS DA VIDA PORTUGUESA (plano nunca realizado) e a altura em que o romance foi posto à venda, em julho de 1888”. O próprio texto revela-se a si mesmo.

No primeiro capítulo, quando Carlos vê em seu avô “um varão

esforçado das idéias heróicas ... E isto fazia sorrir o velho, recordar ao neto, gracejando, o quanto as aparências iludem” (*Os Maias*, p. 17), transparece uma característica fundamental da ficção do Autor: o conflito entre aparência e essência, intenção e ação; o conflito que se apresentava ao Autor em relação ao seu texto, ao leitor no momento da leitura.

Quando “as aparências iludem”, o texto não pode sobreviver numa fantasia, fora da realidade. As aparências enganam a Carlos, no início, e ao leitor ingênuo.

No romance **O crime do padre Amaro**, de 1880, depois de todos os episódios, de todas as possibilidades de ser condenado pelo crime que cometera – aos olhos de um juízo retrógrado e ultrapassado, Amaro revela-se “...radiante de se achar ali, numa praça de Lisboa, em conversação íntima com um estadista ilustre ...” (**O crime do padre Amaro**, p. 486); como Carlos, “o homem rico que vive bem” (*Os Maias*, p. 409) em Paris; e como Basílio e seus comentários a respeito de Luísa, após a morte da prima.

Em **Quincas Borba**, de Machado de Assis, encontramos a sobrevivência de grandes fortunas nascidas do nada, ou conseguidas num passe de mágica, pela corrupção, pelo desvio, ou seja lá qualquer coisa ilícita aos olhos de quem ainda acreditava na justiça e na dignidade.

Há uma proximidade muito forte entre *Os Maias* e **O primo Basílio**, ou entre os sentimentos, no último capítulo, de Carlos em relação à Maria Eduarda e de Basílio em relação à Luísa. Os dois capítulos servem, como em **O crime do padre Amaro**, de despedida, de superação, de abandono de certos conceitos e valores, como acontece em *Um ambicioso* e *O programa*, contos de Machado de Assis.

O último capítulo de cada livro é uma leitura em retrospectiva do próprio texto. É a reescritura, a reelaboração do universo ficcional “do fim para o começo”: O leitor ingênuo ou desatento precisa voltar, reconstruir ou refazer todo o caminho novamente.

Em *Os Maias*, as palavras vão se ocupando de Carlos esquecendo Afonso. Antes da leitura do último capítulo não é possível prever os verdadeiros sentimentos do neto em relação ao avô. Só depois percebe-se que quem foi destinado a sobreviver foi o mundo de Carlos e de seus amigos, pelos tons das conversas, dos risos e das recordações despreziosas, sem dores, ressentimentos ou arrependimentos. As palavras de Carlos são reveladoras: “Enfim, acabou-se. Ao menos assentamos a teoria definitiva da existência. Com efeito, não vale a pena

fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma” (*Os Maias*, p. 411). Seu amigo Ega acrescenta: “- Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder” (*idem*).

Carlos e Ega aprenderam do Eclesiastes que “tudo se resolve em desilusão e poeira”, sem a necessidade de esforços, de sacrifícios e menos ainda de contrariedades. Aqui, já é mais uma personagem isolada e individualizada próxima a Amaro e a Basílio, como condição do homem, a realidade de quem foi esperto. O texto literário passa a ser o refletir e o pensar, a superação do Bem e do Mal, sempre atento às mudanças rápidas e constantes dos interesses e das prioridades dos homens.

Através da personagem, o texto atinge o leitor: a ingenuidade que vai sendo superada pela personagem é uma advertência ao leitor de que a história vai assumindo um novo rumo, novos valores, no abandono de velhos conceitos e costumes, como podemos observar na seguinte passagem: “Ega o induzia a quebrar uma infinidade de leis religiosas, morais, sociais, domésticas...” (*Os Maias*, p. 119), às quais Carlos estava acostumado, mais especificamente sua família, representada pelo avô. Nessas transformações, Carlos participaria com o dinheiro e Ega com a esperteza – naquele empréstimo de cento e vinte libras.

O texto está impregnado de disfarces, sutilezas, envolvendo intenção e ação, uma das muitas formas de organizar as armadilhas, o mosaico para o leitor, na conjunção de ilusão e realidade. Algumas passagens servem como crítica, como ruptura e negação dos próprios fatos narrados, ou *o que quero dizer não está escrito*. Um caso exemplar é a perspectiva de uma versão romântica da relação Carlos e Maria Eduarda: “Não, com efeito, nada vale no mundo senão o nosso amor! Nada mais vale! Se ele é verdadeiro, se é profundo, tudo o mais é em vão, nada mais importa...” (*Os Maias*, p. 271), negado no final, quando a mesma personagem afirma: “Com efeito não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma” (*idem*, p. 411).

Trata-se de um texto que vai montando e desmontando conceitos e opiniões, marcado pela quebra de expectativas, despreocupado com linearidade; um texto que afirma e nega, promete e não cumpre; sugere linearidade e chega à ruptura, à quebra brusca do encantamento.

Carlos e Ega partem em viagem ao exterior e certas personalidades vão até o navio para as despedidas. Entre eles, na coluna *High-life* do jornal *Gazeta Ilustrada*, constava “o glorioso poeta Tomás de Alencar, etc., etc” (*Os Maias*, p. 395). Para um leitor distraído e desatento no

decorrer da leitura, soa estranho o elogio a um “poeta do tempo”, herói de histórias de outras épocas distantes, perdidas no passado. Logo em seguida o próprio texto revela: “Depois destas linhas afetuosas (em que Alencar colaborara) ...” (*idem*). O *etc etc* é a ironia do autor, a insignificância do próprio assunto e o auto-elogio é o pacto que as personalidades, as aparências estabelecem entre si, em nome da sobrevivência social, que um novo texto vai desmascarando.

O poeta elogiado e ovacionado – por um público e idéias que vão morrendo ao aproximar-se o fim, reaparecia aos olhos de Carlos e de Ega com “um sorriso largo”, mas “que lhe descobria os dentes mais estragados” (*Os Maias*, p. 397), está também em Singularidades de uma rapariga loira, quando o “poeta do tempo” deste conto é elogiado – pelo mesmo público do Alencar? Os convivas repetiam elogios e aplausos. O poeta sorria, feliz, agradecido, não deixando de mostrar um de seus dentes, podre.

É a quebra do encantamento, ou um *psi* ao leitor, como acontece em **O primo Basílio**: a possibilidade de um reencontro romântico quebrada pelo esgarço de um sacristão. Dente é um dos motivos ficcionais presentes na obra do brasileiro Rubem Fonseca, especialmente em Feliz Ano Novo e O Cobrador.

Os juízos de valor em relação à vida, à política, às próprias personagens nem sempre vêm pela palavra do narrador. Em relação ao casamento de Maria Eduarda, tempos depois daquela “semana terrível”, Carlos “...via ali a união de dois seres desiludidos da vida, maltratados por ela, cansados ou assustados do seu isolamento” (*Os Maias*, p. 408). A consciência é da personagem - vigiada pelo narrador?

Em relação aos projetos do jovem médico, Carlos, o texto revela: “Que estúpidas horas Carlos ali arrastara, com a Revista dos Dois Mundos, na espera vã dos doentes, cheio ainda de fé nas alegrias do trabalho!” (*Os Maias*, p. 402). A vida resume-se em ócio, vadiagem e risos, numa leitura e num julgamento em retrospectiva. A revista é a mesma lida por Julião, em **O primo Basílio**, e também por Romualdo, do conto O programa, de Machado de Assis.

Para Ega, na voz do narrador, o poeta Alencar, o dos dentes mais estragados e dos “bigodes românticos que a idade embranquecera e o cigarro amarelara” (*Os Maias*, p.397), “permanecia o único português genuíno ... conservava uma honestidade resistente. Além disso, havia nele lealdade, bondade, generosidade” (*idem*, p. 402). A narrativa é organizada a partir de dois pólos antagônicos: passado e presente.

No passado estão os versos que vão aparecendo entre as linhas da narrativa e os adjetivos dedicados a Alencar, poeta de um tempo distante, como os valores e os ideais de Afonso, os sonhos de Luísa e as esperanças da Condessa de Gouvarinho. No presente estão os dentes podres, “os móveis ricos da Toca” (*Os Maias*, p. 406). Os móveis são abandonados numa sala do Ramalhete, parecida com um velho depósito, um armazém que não atende mais. As “pobrezas do Paraíso” servem, também, como a própria negação do sonho romântico; a negação de qualquer possibilidade de se viver isolado e distante do mundo exterior, real.

Ao longo do texto, há a convivência de grandes projetos e grandes fracassos, numa visão amena, preguiçosa e desprezenciosa da vida por parte dos que foram aprendendo a sobreviver socialmente. Pensa-se nos problemas e nos males do país, mas uma simples tipóia modifica tudo. Há remorsos, logo superados. Através das palavras de Ega, temos o conceito do texto em relação aos românticos. Lemos: “...indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão” (*Os Maias*, p. 410).

O texto diz o que a personagem não é, e o que ela é realmente está nas lacunas, nas elipses e nos segredos que devem ser preenchidos e desvendados por um leitor atento. Carlos e Ega não são românticos. A opinião de Carlos em relação a sua amada da Toca, Maria Eduarda, já foi mostrada. Em relação a Raquel, as opiniões de Carlos e Ega seguem a mesma linha. “Para aí anda, estuporada ... Carlos murmurou ‘coitada!’ E foi tudo o que disseram sobre a grande paixão romântica do Ega” (*Os Maias*, p. 409). Aqui encontramos novamente um dos esquemas de montagem da obra de Eça de Queiroz: a conjunção narrador-personagem nas opiniões, conceitos e visões do mundo presentes no texto.

Em relação à questão do adultério, do “amor proibido” pelos conceitos e padrões consagrados e sacralizados, um dos temas preferidos de Eça de Queiroz, a personagem Ega afirma: “...Faz aí a felicidade de um rapazote simpático, chamado Barroso” (*Os Maias*, p. 401) - que também não havia entrado na história, não é Carlos Drummond de Andrade?, referindo-se à esposa do “amigo do tempo” Dâmaso, filha de uma família arruinada que a trocou por algumas contas pagas pelo novo parente. Em *Os Maias*, o adultério já não condena nem mata ninguém.

Outro tema que acompanha a ficção do Autor é a morte. Há a morte física, por velhice (Afonso – *Os Maias*) e a morte por doença

(Luísa – **O primo Basílio**). A de Afonso é a morte do passado, do velho, de um dos “homens do tempo”; a de Luísa é morte como pagamento por um pecado social impagável e imperdoável. A morte como única saída? o Autor reconhecendo a impossibilidade de interferir nos destinos humanos? Maria Eduarda é a representação da morte social, a exclusão do indivíduo. A sobrevivência social é a morte do “ser natural” que dá lugar ao “ser social”.

Em **O primo Basílio**, morre Luísa, a romântica, e sobrevive Basílio, o moderno. Após a morte da amante, Basílio volta-se ao passado – retorno do texto sobre si mesmo, e afirma: “mas a verdade é que não era uma amante chic, andava em tipóias de praça; ... casara com um reles indivíduo de secretaria; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes” (**O primo Basílio**, p. 316). A descrição da personagem remete ao ambiente do Paraíso. São argumentos do texto justificando a morte, o fim daquele ser humano. E quando a Jorge? Nada.

Em **O crime do padre Amaro**, morre a justiça e a condenação e sobrevive Amaro e a convivência entre as autoridades e os poderosos. Em **Os Maias**, sobrevivem os paradoxos: compaixão e desprezo de Carlos e Ega em relação a Alencar, como exemplo. Este sobrevive como um coitado, um ser de outro tempo que continua por aí feito um objeto de decoração e riso, mas morrem os seus versos: o último capítulo não abre mais espaço para “poetas do tempo”. Em **O alienista**, de Machado de Assis, um desses poetas do tempo é quem ensina algumas máximas discursivas a Porfírio, o salvador de Itaguaí.

Quanto às advertências ao leitor, na busca de interação, num diálogo como expressão de uma nova legislação, as palavras dirigem-se tanto ao leitor benévolo, iniciado e crítico, como ao comum, desatento e distraído. Entre o texto e o leitor crítico, estabelece-se um pacto para uma reescritura coletiva no sentido de reordenar progressiva e continuamente o mundo, a existência e a experiência estética. No diálogo com o leitor comum, o texto sugere uma leitura em retrospectiva obrigatória pelos vazios que permaneceram vazios e que devem ser preenchidos em nome de uma nova atitude a ser tomada, apontada por Ana Mariza Filipouski, nas aulas de **Leituras de Eça de Queiroz**.

CONCLUSÃO

“Que felizes que seríamos! Que vida adorável! ... fugir com ele, ir viver num sonho eterno de amor lírico ... o mais longe possível da Rua de S. Marçal! Se tu quisesses! Não, com mil demônios, não queria fugir com

a senhora Condessa de Gouvarinho!” (*Os Maias*, p. 178). A exclamação é pelo sonho romântico dos poetas do tempo e pelos sonhos eternos e ilusões, presentes em personagens femininas, como Luísa e a Condessa, revelando uma vida idealizada e a realidade em fantasias. Os homens não querem fugir, negando o sonho nos pares e nas relações: Carlos e a Condessa, Basílio e Luísa, Amaro e Amélia.

Mais adiante, a fronteira entre dois tempos é registrada através das seguintes palavras: “antigamente a literatura era a imaginação, a fantasia, o ideal ... Hoje é a realidade, a experiência, o fato positivo, o documento (*Os Maias*, p. 333). Os dois tempos estão presentes na obra de Eça de Queiroz, sendo um a exclusão do outro. De um lado, a presença do ontem, o texto abandonando e eliminando versos antigos, sentimentos românticos, atitudes retrógradas em personagens que morrem física ou socialmente; de outro, a presença do hoje, o texto de um narrador iluminado, onisciente, refletindo uma realidade profunda, aparente e enferma, dando voz ao ser social, hipócrita, absorvido pelo riso e pelo tédio (num país perdido?).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Literatura realista: O primo Basílio de Eça de Queiroz*, in: *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1955.
- _____. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938. V. 2.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor, in: LIMA, Luiz. Costa, org. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.
- MEDINA, João. *Eça de Queiroz e seu tempo*. Lisboa: Horizonte, 1972.
- MOOG, Viana. *Eça de Queiroz e o século XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- ORTIGÃO, Ramalho. *Farpas*. Lisboa: Clássica, 1966. Tomos VIII e IX.
- QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- _____. *O primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. *Os Maias*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- ROSA, A. Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Lisboa: Presença, 1964.
- ZILBERMANN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.